

IMIGRANTES POLONESES NO BRASIL NO CONTEXTO  
DA DOMINAÇÃO AUSTRIACA

*Polish Immigrants in Brazil in the Context of Austrian Domination*

Regina WEBER\*  
Rhuan Targino ZALESKI TRINDADE\*\*

Fecha de recepción: noviembre del 2016

Fecha de aceptación y versión final: noviembre del 2016

RESUMO: Este artigo destaca a expressão cultural e política de indivíduos e grupos sociais procedentes da área da Polônia sob domínio da Áustria junto a outros imigrantes poloneses no Brasil, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A ação social de grupos incentivadores de uma identidade polonesa, constringida na Europa e reativada no Brasil, é interpretada em termos dos condicionantes históricos do período.

PALAVRAS CHAVE: Áustria, Polônia, imigração polonesa, intelectuais étnicos, agentes étnicos.

ABSTRACT: This article highlights political and cultural expression of individual and social groups coming from Poland's regions under Austria's domination, along with other Polish immigrants in Brazil, between the late 19<sup>th</sup> and the early 20<sup>th</sup> centuries. Social actions of groups encouraging Polish identity, constrained in Europe and aroused in Brazil are seen according to the historical conditioning of that period.

KEYWORDS: Austria, Poland, Polish immigration, ethnic intellectuals, ethnic agents.

---

\* Regina WEBER, Doutora em Antropologia Social, Departamento e Programa de Pós-Graduação em História UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Brasil, Porto Alegre, Brasil. E-mail: regina.weber@ufrgs.br.

\*\* Rhuan Targino ZALESKI TRINDADE, Doutorando em Historia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: rhuan.trindade@hotmail.com.

Neste artigo serão analisadas instituições e grupos sociais, associados à contingência da dominação austríaca sobre a Polônia, que tiveram influência sobre os imigrantes poloneses no Brasil. Ao destacar a emigração de uma área específica da Polônia, não se pretende enfatizar a procedência político-regional dos imigrantes, mas apontar a ação étnica, na Europa e no Brasil, de determinados grupos articulados, a qual tem influência, no sentido de reforço de uma identidade polonesa, sobre a comunidade emigrada no sul do Brasil. Não se desconhece que indivíduos oriundos de outras regiões também tiveram um papel expressivo entre os emigrados, como os “emigrantes intelectuais das esferas radicais do Reino da Polônia que a revolução lançou nas margens do Brasil” (Gluchowski, 2005 [1927]: 246)<sup>1</sup>.

As interpretações expostas adiante têm relação com a literatura que destaca a ação de determinados líderes sociais. Um conjunto de estudos, abordando principalmente líderes de imigrantes nos Estados Unidos e na América hispânica, assinalou seu papel emblemático: “os líderes étnicos são fundamentais na definição do grupo; eles convertem os imigrantes em sujeitos étnicos” (Gjerde, 2006: 63). Nesta linha de interpretação, a expressão “intelectuais étnicos” (Weber, 2015) pretende descrever personagens que se encarregam da formulação de imagens destinadas a congregar o grupo em torno de uma representação étnica mobilizadora, e também dos canais de divulgação destas ideias. Em outras palavras, o que é analisado abaixo são modalidades de “ação etnicamente informada” (Fenton, 2003: 142) entre os imigrantes poloneses.

As descrições e interpretações que seguem são resultado da compilação e releitura de textos de cunho acadêmico ou memorialístico, os quais contêm dados e, eventualmente, interpretações parciais sobre o tema que nos concerne.

---

<sup>1</sup> Reino da Polônia refere-se à área sob tutela da Rússia, tendo o czar o título de Rei da Polónia (*Mil anos...*, 2008: 15). A Revolução de 1905 na Rússia atingiu também as cidades polonesas sob seu controle.

## IMIGRANTES DE UMA NAÇÃO DOMINADA E PARTIDA

Como tem mostrado a historiografia da imigração polonesa, as grandes levadas imigratórias de poloneses para o Brasil ocorreram num período em que a Polônia ainda estava sob dominação da Alemanha, Rússia e Áustria<sup>2</sup>, e esta dominação era, justamente, um fator que impelia à emigração, mobilizando desde camponeses que se sentiam sobreexplorados, quanto nacionalistas perseguidos por defenderem ideias de independência. A agitação nacionalista na Polônia situa-se no contexto do crescimento dos movimentos nacionalistas na Europa a partir da década de 1870, com a particularidade de ser um movimento “histórico”, isto é, um movimento com base num antigo estado independente (Hobsbawm, 1989: 207). No Brasil, a imagem da nação polonesa foi uma das formas de “eticização” (Sarna, 1978) dos imigrantes; em outras palavras, líderes nacionalistas poloneses, que veiculavam a imagem de uma Polônia livre, atuaram no Brasil como promotores de uma identidade polonesa entre imigrados e seus descendentes.

O processo de neutralização das diferenças de procedências regionais, a defesa de uma Polônia independente, foi, portanto, um fator de unificação dos imigrantes poloneses no Brasil. A representação nacionalista expressou-se fortemente em várias situações. Onze entidades, fundadas entre 1890 e 1922 nos estados do sul do Brasil, homenageavam Tadeusz Kosciuszko, herói da revolta contra a Rússia em 1794 (Gluchowski, 2005: 152-158)<sup>3</sup>. No âmbito artístico, em 1909 era encenada uma “representação dramática da luta da nação polaca pela liberdade” na Sociedade Águia Branca de Porto Alegre (Grzeszczak, 2010: 49). Mais que o dia de comemoração da independência da Polônia, ocorrida em 11 de novembro de 1918, e a data de 3 de maio, que sinaliza a promulgação da Constituição liberal de 1793, que

---

<sup>2</sup> “As partilhas da Polônia, em três etapas sucessivas, em 1772, 1793 e 1795, aniquilaram o Estado polonês, dividindo suas terras entre a Prússia, a Áustria e a Rússia e entregando-o a essas potências como vítima de opressão política e nacional e de exploração econômica” (Polak, 1966: s.n.t., p. 41).

<sup>3</sup> A partir da independência da Polônia, em 1918, o grande homenageado em nomes de associações e escolas de emigrados é o Marechal Pilsudski, considerado o maior responsável pelo ressurgimento da Polônia após a 1ª Guerra Mundial, sendo o seu primeiro chefe de estado.

é comemorada entre poloneses e seus descendentes até os dias de hoje no Rio Grande do Sul, pois trata-se da memória afetiva de uma comunidade (Grzeszczak, 2010: 41).

Entretanto, para reforçar este sentimento de unidade, os ativistas poloneses muitas vezes precisaram vencer as divergências internas dos imigrantes, entre elas a da procedência. No início do século XX, o jornalista Leon Bielecki, instalado no Paraná, indagava “Onde será que estão os poloneses, será que eles existem? Só há moscovitas, prussianos e galicianos?” (Wachowicz, Malczewski, 2002: 32).

No contexto histórico da partilha da Polônia no século XVIII, a Galícia foi a porção destinada à Áustria. A região era ocupada por uma maioria polonesa na parte ocidental, com centro em Cracóvia, e por rutenos (ucranianos) na parte oriental com centro em Lwów. A presença polonesa no leste se destacava através de grandes donos de terra e por sua presença urbana, notadamente, em Lwów, capital da província (com 70% dos habitantes poloneses). A região era ocupada ainda por alemães, judeus e “austríacos” (Wachowicz, 1981).

Vários estudos históricos apontam que na Galícia austríaca havia maior autonomia cultural, comparativamente às áreas sob domínio prussiano e russo, pois nestas ocorreu pressão para a despolonização e minifundização como estratégia para abater a resistência política, enquanto naquela os objetivos de germanização foram frustrados pelo debilitamento do governo austríaco (Wachowicz, 1981: 24-33).

Apesar da maior liberdade, a Galícia era menos desenvolvida economicamente do que fora a Polônia, e, na comparação entre as três partes partilhadas, era a menos urbanizada e industrializada e com maior densidade demográfica, e também possuía os maiores índices de analfabetismo apesar do ensino em polonês ser permitido a partir de meados do XIX (Dvorak, 2013). Ademais, a região era dominada pelos grandes proprietários de terra, os quais pressionavam os pequenos camponeses, aumentando suas terras às expensas destes.

Durante o século XIX, ocorreu um grave processo de minifundização, parcelamento das propriedades e a divisão chamada em polonês de *szachownica pól* (os cordões), em que os proprietários tinham pequenos reta-

lhos retangulares de terra separados uns dos outros, fator gerador de disputas entre vizinhos e de contendas jurídicas (Wachowicz, 1981: 69). Esses foram alguns elementos geradores da imigração, seja a sazonal, que incluía incursões de trabalho na Alemanha, seja a transoceânica, de caráter mais ou menos “permanente”.

Antes de existir o Império Austro-Húngaro, havia o Império Austríaco no qual a dinastia Habsburgo controlava territórios de populações camponesas servis compostas por tchecos, eslovacos, húngaros, alemães ou austríacos. Com o insuflor dos ventos liberais das primeiras décadas do século XIX e com a vitória prussiana sobre a Áustria, esta foi obrigada a aceitar a Hungria como parceira do poder, o que deu origem à “Áustria-Hungria” em 1867. Para efeitos deste artigo, é importante destacar que, neste período, a monarquia foi levada a fazer concessões como igualdade civil, liberdade de expressão e educação secular (Anderson, 1995).

A constituição de 1867, ao trazer concessões às múltiplas populações do Império, rendeu à Galícia autonomia territorial e direitos aos poloneses, como um controle de facto da região e suas divisões. O sistema educacional mudou a língua de ensino do alemão para o polonês (incluindo a “polonização” das universidades de Lwów e Cracóvia); os poloneses detinham a maioria absoluta no recém-criado Galizischer Landtag (parlamento regional da Galícia), em Lwów. Foi consolidado o Círculo Polonês (Polenklub) no Reichsrat federal em Viena, de forma que o ministro da Galícia foi sempre polonês, além de os deputados poloneses terem um papel destacado no Abgeordnetenhaus (Câmara dos deputados)<sup>4</sup> em defesa dos interesses da sua nacionalidade. A língua polonesa foi usada na administração e em todos os assuntos públicos, exceto para assuntos militares e na companhia ferroviária nacional. Anos depois, o polonês é introduzido nas cortes e departamentos civis (Dvorak, 2013). Uma das consequências de maior poder polonês na vida pública da Galícia foi, por outro lado, provocar o ressentimento dos ucranianos (Lukowski, Zawadzki, 2002: 167).

---

<sup>4</sup> Por exemplo, os vários premiês e ministros poloneses, que ocuparam postos na administração austríaca (Boyer, 1995).

Um estudo biográfico do cardeal Augusto Hlond, cuja família era da Alta Silésia, área sob controle do Estado prussiano, mostra os efeitos do processo de germanização no final do século XIX. Bismarck, por força de ordens expedidas, proibiu a utilização da língua polonesa, impondo o uso da língua alemã; nas escolas, os professores alemães incutiam o orgulho prussiano e alemão nos corações das crianças polonesas; até mesmo as paróquias deveriam preparar as crianças para a primeira Comunhão em língua alemã (Kozieński, 2007). É neste sentido que se destaca a manutenção da língua polonesa na parte austríaca, como um componente importante do movimento nacionalista, o qual repercutiu no Brasil, através de lideranças emigradas.

Os registros disponíveis indicam que a maior parte dos imigrantes poloneses no Brasil seria egressa das áreas russas e alemãs<sup>5</sup>. Em parte, isso corresponde à parcela territorial que coube à Áustria na partilha da Polônia, a menor das três<sup>6</sup>. Determinar a contribuição dos imigrantes do Império austro-húngaro nos fluxos migratórios para o Brasil é, segundo Ursula Prutsch (2014: 4), bastante difícil, não apenas pelo estado fragmentário das fontes, mas pela complexa categorização das identidades, o que, aliás, reflete a estrutura pluriétnica da monarquia austro-húngara. Segundo o que deixou registrado o primeiro cônsul da Segunda República, Gluchowski (2005: 36, 38, 86), parte da população emigrada “polonesa” era efetivamente composta por ucranianos étnicos, os quais provinham principalmente das regiões orientais da antiga Galícia. Quando o parlamento (Sejm) da Galícia delegou poderes a Siemiradzki (ver abaixo) para voltar ao Brasil em 1895, ele veio acompanhado do “delegado ucraniano”, o Pe. Jan Wolanski, pois “o objetivo suplementar da viagem era também estudar as condições da emigração ucraniana” (Wachowicz, Malczewski, 2000: 344).

Os aspectos demográficos estão evidenciados para contextualizar o processo migratório; entretanto, o objetivo principal deste artigo, a partir

---

<sup>5</sup> Ruy Wachowicz (1981: 18) situa a região mais atingida pela “febre brasileira” (intensificação da emigração para o Brasil entre 1890 e 1891) em cidades do domínio russo; sobre os imigrantes que se instalaram no Rio Grande do Sul, ver Gardolinski, 1956-58: 12, 16 e 27).

<sup>6</sup> A maior parte do território coube à Rússia (463 mil km<sup>2</sup>), Prússia e Áustria ficaram respectivamente com 141 mil km<sup>2</sup> e 129 mil km<sup>2</sup> (*Mil anos...*, 2008: 14).

daquilo que as fontes apontam, é destacar que as circunstâncias sociais e políticas da Polônia austríaca apresentavam desdobramentos aqui no Brasil. Por exemplo, na década de 1870, o sócio polonês da empresa colonizadora Pereira, Alves e Bendaszewski pretendeu trazer colonos de sua região natal. “Tendo recebido a necessária autorização no parlamento de Viena, com a ajuda de um conhecido seu, secretário do presidente do Círculo Polonês, começa a fazer propaganda na região” (Gluchowski, 2005: 31). Em um outro momento, Bendaszewski, junto com um sócio, iniciou uma sociedade de transportes diretos de Hamburgo para Paranaguá com auxílio do governo austríaco a fim de aumentar a exportação austro-húngara para o Brasil (Klobukowski, 1971: 87). Estes expedientes do imigrante empresário se inserem em redes de relações que são examinadas abaixo.

#### O GRUPO DE LWÓW<sup>7</sup>

A ação de um grupo de intelectuais e ativistas nacionalistas da cidade de Lwów, situada, na época, na Galícia austríaca, teve muitas repercussões entre os imigrantes poloneses no Brasil, particularmente no estado do Paraná. Eles agrupavam-se em torno da “Przegląd Emigracyjny” (Revista de Emigração), editada pela Sociedade Comercial e Geográfica. Posteriormente a revista foi denominada “Gazeta Handlowo-Geograficzna” e finalmente “Polski Przegląd Emigracyjny”. Muitos viajantes e emigrantes publicaram artigos sobre a emigração polonesa no Brasil na revista de Lwów. O ativismo do grupo de Lwów não pode ser dissociado do clima liberal da Galícia entre o fim do século XIX e início do século XX, onde, até o Partido Socialista Polonês podia existir legalmente, tendo logo atraído Józef Pilsudski, futuro líder da independência polonesa (Lukowski, Zawadzki, 2002: 171-172).

Este grupo de Lwów iniciou uma forte atividade no Brasil, visando no futuro a instalação de uma “Nova Polônia”. Entre os intelectuais ligados a esse grupo estavam: Stanislaw Klobukowski, Antônio Hempel, José Siemi-radzki, Antônio Z. Bodziak, Stanislaw Zielinski, José Okolowicz (um dos

---

<sup>7</sup> A expressão “grupo de Lwów” foi tomada de Wachowicz (2009: 49).

fundadores do “Przegląd Emigracyjny” e, a partir de 1900, responsável pela redação da “Gazeta Polska”, em Curitiba) os quais tiveram atuação no sul do Brasil, como se verá abaixo. A estes ativistas podem ser associados: a instalação de um Consulado Austro-Húngaro em Curitiba; incentivos à colonização; educação dos emigrados; divulgação de ideias nacionalistas por jornais e visitas aos núcleos de imigrantes.

A emigração era vista com dubiedade na Galícia, sendo, muitas vezes, considerada um problema social e responsabilizada pela perda de população polonesa, fator considerado um empecilho para a consecução dos objetivos independentistas poloneses; por outro lado, a emigração também era vista como um mal necessário em razão do excedente populacional galiciano (Walaszek, 2003: 2). A atenção voltada aos emigrantes aumentou quando começou a “febre brasileira” no final do século XIX.

A Sociedade Polonesa de Comércio e Geografia tinha objetivo de promover a economia do país, sobretudo através da procura de novos mercados para a indústria polonesa, recolher e dar informações precisas sobre as situações econômicas em outros países, e estabelecer relações comerciais diretas. Este programa tinha que ser cumprido com a ajuda de emigrantes poloneses e manter um contato também econômico com eles.

Segundo Wachowicz, as ações da Sociedade Comercial e Geográfica se enquadram no interesse que instituições, órgãos de imprensa e intelectuais poloneses, uma vez que não havia governo próprio, mostraram pelos que emigravam a partir “do surto verdadeiramente alucinante provocado pela «febre brasileira»” iniciada na década de 1890 (Wachowicz, 1970: 40). O assunto foi discutido no II Congresso de Advogados e Economistas em 1891, e no III Congresso, em 1893, houve claro posicionamento a favor da imigração, principalmente para o Paraná, com incentivo à ida de intelectuais, para que a colonização “deixe de ser um corpo sem cabeça” e de padres e professores poloneses (Wachowicz, 1970: 41). A Sociedade patrocinou a vinda, em 1891, de observadores encarregados de analisar as condições da emigração para o Brasil e Argentina, entre estes, personagens citados neste artigo, José Siemiradzki, Antônio Hempel, Stanislaw Klobukowski e José Okolowicz.

As informações dos observadores ajudavam a identificar as difíceis condições de viagem, altas taxas de mortalidade entre os emigrantes e as lutas que tinham com a administração brasileira. Apesar de considerar que a emigração não era o melhor para a Polônia, Józef Siemiradzki, por exemplo, acreditava que, enquanto não melhorassem as condições dos camponeses poloneses, a emigração deveria ser organizada de forma a propiciar aos emigrantes as melhores condições de viagem, e proteção após a sua chegada no sul do Brasil, assim como deveria ser estimulada a manutenção de sua nacionalidade (Siemiradzki, 1972 [1900]). Siemiradzki foi um reconhecido intelectual da área da geologia, mineralogia e paleontologia; formado em Varsóvia, se destacou como professor na Universidade de Lwów, onde poderia escrever e publicar em polonês. Ele foi enviado pelo Sejm (parlamento local) da Galícia em uma segunda expedição, em 1896-1897, para avaliar a situação dos imigrantes poloneses no Brasil. Em seu relato de observador, Siemiradzki destaca a necessidade de infraestrutura para o estabelecimento dos colonos poloneses, como estradas de ferro, estabilidade política (esteve no Brasil após a Revolução Federalista de 1893-5), concentração dos poloneses em colônias homogêneas e disposição dos trabalhadores conforme sua especialidade na Polônia (Siemiradzki, 1972).

A Sociedade Comercial e Geográfica de Lwów utilizou como propaganda a ideia de “Nova Polônia” para divulgar os interesses de construir um território livre polonês. E esta utopia chegou a tomar corpo quando, em 1896, estando a disputa territorial entre Brasil e Argentina, conhecida como Questão de Palmas ou Missões (Contestado)<sup>8</sup>, ainda não resolvida, um deputado no Congresso Nacional brasileiro cogitou passar estas terras de sertão a um “povo pacífico”, suíços ou poloneses (Klobukowski, 1971: 11). Ruy Wachowicz destaca o acesso à terra e o cultivo da nacionalidade como elementos principais da visão de Nova Polônia que estava presente na Sociedade Geográfica:

(...) pretendia transformar a maciça emigração polonesa para o Paraná em um sustentáculo da liberdade nacional, onde os poloneses pudessem permanecer poloneses,

---

<sup>8</sup> A área de litígio era o triângulo formado por dois rios, um afluente do rio Uruguai e o outro do rio Iguaçu, nos estados de Santa Catarina e Paraná. A cidade de Palmas fica em um ângulo formado pelos dois afluentes.

num clima de liberdade, onde a terra não fosse tirada de ninguém e todos os camponeses a tivessem com fartura. Desenvolveu-se pois a ideia da formação da “Nova Polônia” no Brasil (Wachowicz, 1970: 41).

Da Polônia, a Sociedade influenciava os passos dos jornais da comunidade emigrada. O descontentamento com os rumos editoriais da “Gazeta Polska w Brazylii” (Gazeta Polonesa no Brasil)<sup>9</sup>, publicada em Curitiba, foram expressos na Gazeta Handlowo-Geograficzna (sucessora da Revista de Emigração) de Lwów em 1899. José Okolowicz, delegado da Sociedade, recém-chegado ao Paraná, assume a direção da redação do periódico, combatendo a política “antipolonesa”, associada à interferência de um funcionário do Consulado Austro-Húngaro (Gluchowski, 2005: 223). Um pouco antes disso, outro jornal “procedente de Lwów”, o “Kurier Paranski” (O Mensageiro Paranaense), editado entre 1897 e 1898, propugnava pela União Polonesa e travou polêmica com a “Gazeta Polska” (Piton, 1971: 83). Outra entidade de Lwów, a Sociedade Colonizadora, Publicadora e Emigratória comprou o jornal “Prawda” (A Verdade) que circulou em nove edições entre 1900 e 1901 também sob o comando de Okolowicz. O jornal que, surgiu como uma reação à “linha austríaca” adotada pelo “Gazeta Polska” w Brazylii, continha propaganda de firmas polonesas e publicava correspondências das colônias (Piton, 1971: 84). Como pode ser visto, os agentes de Lwów propugnavam por um nacionalismo no além-mar, isento de interferência das nações colonizadoras.

Nem todos aqueles que representavam os ideais e as práticas dos ativistas de Lwów eram naturais da Galícia austríaca. Nascido em uma cidade da área sob controle russo, Józef Siemieradzki, mencionado acima, fixou-se em Lwów como professor de geologia e paleontologia e ali envolveu-se com a ideia da Nova Polônia e interessou-se pela imigração polonesa para o Brasil. Na viagem realizada ao Brasil e Argentina em 1891/1892, além de interesses científicos, Siemiradzki atenderia ao objetivo de abrir o Consulado Austro-Húngaro em Curitiba, “para atender os imigrantes poloneses das três ocupações em que se dividia a Polônia” (Wachowicz, Malczewski, 2000:

---

<sup>9</sup> A “Gazeta Polska” foi fundada em 1892 e existiu, com alterações entre seus proprietários, até 1941, quando houve a proibição dos periódicos em língua estrangeira (Piton, 1971: 82-83).

344). Ou seja, o consulado a ser aberto era visto como tendo a função de representação dos poloneses como um todo.

A efetiva criação do Consulado Austríaco no Paraná foi resultado do empenho do Círculo Polonês em Viena, o qual expressava as ações dos intelectuais vinculados à Sociedade Comercial e Geográfica de Lwów (Gluchowski, 2005: 247). Em 1896, chegou ao Paraná o primeiro cônsul austro-húngaro, o qual, entretanto, era um polonês silesiano, isto é, não era oriundo da Galícia (Wachowicz, 2000: 143)..

Antônio Hempel, outro membro da expedição de 1891, também era da Rússia, onde fora líder de um movimento que planejava uma cooperativa de estudantes e colonos, e membro de uma organização em prol da libertação, pelo que foi perseguido pelo governo czarista. Pelas suas preocupações com os aldeões que emigravam do Reino da Polônia, foi convidado pela Sociedade Geográfica a fazer parte da viagem à América do Sul. O relato de suas viagens, mostrando a difícil situação dos imigrantes, publicado em Lwów em 1893, teria contribuído para a decisão do Império Austro-Húngaro de abrir um consulado em Curitiba (Superintendência..., 1973: 9).

Em narrativa memorialística da década de 1920, aquele que foi o primeiro cônsul polonês da Segunda República, Gluchowski, situa o empenho dos agentes de Lwów na criação de escolas no Paraná no âmbito dos ideais de uma Nova Polônia, que, em sua opinião, teriam sido suscitados pela intensificação da imigração para o Brasil:

É interessante que quando as escolas polonesas elementares ainda quase não existiam no Paraná, além de algumas escolinhas pobres e precárias, já havia surgido o projeto da fundação de um Ginásio em Curitiba. Foi em 1897. A Sociedade Comercial e Geográfica Polonesa em Lvov, diante da “febre brasileira” que nos anos precedentes havia povoado de camponeses da Polônia as matas brasileiras, começou a propagar a ideia de uma “Nova Polônia” no hemisfério meridional. Dessa ideia básica originaram-se vários projetos, que deviam possibilitar e apressar a sua realização (Gluchowski, 2005: 191).

Pondo em ação suas ideias, a Sociedade Comercial e Geográfica criou, em 1899, um Departamento de Educação “que deveria dar apoio às escolas, além de fornecer professores, manuais, livros e material didático. Foram essas as primeiras tentativas de uma reforma da situação escolar no Paraná, que entretanto surgiram fora do âmbito da sociedade polonesa nesse Estado”. Livros para as sociedades polonesas fundadas no Paraná e em outros estados do Brasil foram enviados por iniciativa de pessoas vinculadas à Revista de Imigração (Gluchowski, 2005: 168, 189).

Para exemplificar o alcance desta instituição da Galícia sobre os imigrantes poloneses do Brasil, vejamos os efeitos da passagem de um notável delegado da Sociedade Geográfica e Comercial de Lwów por duas cidades do Rio Grande do Sul:

No mês de maio de 1896 visitou-nos o Dr. Klobukowski, delegado da “Sociedade Comercial Geográfica”, de Lwów (Lemberg), e fundou, na oportunidade, uma associação Cultural, denominada Kósciuszko. Sob o efeito momentâneo dos sucessos em presença do padre e do chefe local, os poloneses sentiram de certo modo a necessidade da união, motivo pelo qual se inscreveram como sócios da nova sociedade 150 membros, dos quais entretanto, somente a terça pagava suas mensalidades e frequentava as reuniões (Cuber, 1978 [1898]: 28).

(...) foi em meados de 1896 que Stanisław Klobukowski, quando passava por Porto Alegre, convocou uma reunião com alguns representantes da comunidade polonesa do 4º Distrito em 1º de maio de 1896, na qual decidiu-se pela fundação da Towarzystwo Zgoda (Sociedade Concórdia) (Grzeszczak, 2010: 21).

A primeira citação acima é um relato do missionário Antony Cuber, que acompanhava camponeses instalados em um núcleo de colonização no interior do Rio Grande do Sul, em Ijuí. O relato segue falando dos filiados comprometidos com a entidade, denominados “zelosos patriotas”, que “ouvem com interesse as palestras sobre o glorioso passado da Polônia, sobre as atuais perseguições aos nossos irmãos, na velha pátria” (Cuber, 1975: 29).

Klobukowski, ligado aos ativistas de Lwów, não nasceu na Galícia, mas na área alemã, porém fez estágios em universidades desta cidade e em Cracóvia. Sua primeira manifestação pública sobre a questão da imigração ocorreu no Congresso (I) de juristas e economistas em Lwów, em 1889. Ele foi um dos fundadores da Revista de Emigração (Przegląd Emigracyjny) em 1891. Foi durante uma viagem de três anos ao Brasil, entre 1895 e 1897, que ele se reuniu com imigrantes poloneses do de Ijuí e Porto Alegre. Posteriormente se instalou no Paraná (Klobukowski, 1971: 9, 11). De sua passagem pelo município paranaense de São Mateus, em 1895, temos suas memórias escritas alguns anos depois, que nos revelam um discurso onde a ligação espiritual com a antiga pátria seria um dos fermentos de ações concretas, tais como a construção de uma embarcação, certamente para aproveitar a navegabilidade do rio Iguaçu, que passa pelo município:

Apresentei-me como delegado da Sociedade Geográfica e Comercial, falei da necessidade da união material e espiritual com a pátria mãe. Tratei de cultura, patrio-

tismo, comércio, sociedades, união de esforços, no setor econômico, construção de uma grande embarcação, construção de uma cooperativa (Klobukowski, 1971: 74).

Também na cidade de Lwów, foi criada, em 1896, a entidade SOKOL, o Falcão, cujo lema “Na unidade, a força” traduzia seus objetivos de preparar líderes para a provável futura reunificação da Polônia. Uma das atividades esportivas criadas foi a esgrima e, após a aquisição do primeiro fuzil, o tiro, carregando um sentido militar intrínseco (Oliveira, 2008), vinculado à luta pela independência da Polônia.

A matriz da Sociedade Sokol fora criada em Lwów, capital provinciana da Galícia, parte da Polônia, ocupada pela Áustria. Seu objetivo secreto era o preparo da juventude polonesa para futuras atividades bélicas. (...) A sociedade Sokol de Curitiba, também contribuíra com sua parcela de voluntários para a causa de liberdade da Polônia (Filipak, Krawczyk, 1978: 11-12).

Bodziak, um imigrante procedente da Galícia, fundou em São Mateus, no Paraná, uma entidade inspirada na Sokól; foi também correspondente da Revista de Emigração (Wachowicz, Malczewski, 2000: 39). Gluchowski, o futuro cônsul polonês no Brasil, não era natural de Lwów, mas ali graduou-se na Escola Politécnica, e, tendo emigrado para os Estados Unidos em 1906, difundiu a organização Sokól “preocupado em formar militarmente os poloneses, a fim de que um dia pudessem engajar-se na luta pela independência da Polônia” (Wachowicz, Malczewski, 2000: 39).

Assim, enquanto na Europa a Sociedade Geográfica, por intermédio de sua rede de relações, buscava acordos com o governo austríaco, na América os emissários de Lwów, através de suas inúmeras ações, incentivavam manifestações de patriotismo polonês e agiam como representantes da Polônia entre os imigrantes.

## O CONSULADO AUSTRO-HÚNGARO E OS POLONESES

Um dos fatores que marca a presença “austríaca” entre os poloneses nas primeiras décadas do século XX é o Consulado Austro-Húngaro instalado em Curitiba no final do século XIX. Um dos primeiros passos da Sociedade Geográfica e Comercial de Lwów foi o envio de um memorial para o

parlamento em Viena, para a criação de um novo Consulado Austro-Húngaro em Curitiba e solicitando que a pessoa a ser nomeada para o cargo de cônsul imperial austríaco na capital paranaense soubesse o idioma polonês (Dvorak, 2013: 77). Este consulado, que começou a funcionar em 1896, teve vários significados: 1) foi resultado de ações políticas de líderes poloneses no Brasil e na Europa (em Viena e na Galícia austríaca); 2) consolidou institucionalmente funcionários etnicamente poloneses; 3) serviu de referência para os imigrantes.

Poucos anos após a sua instalação, o consulado envolveu-se com uma questão diplomática, relativa à defesa dos imigrantes, em geral ucranianos, contra os ataques indígenas. O consulado de Curitiba pleiteava do governo do Estado do Paraná uma reação armada, que foi recusada. Além disso, o presidente do estado do Paraná lançou na imprensa uma campanha contra a política dos diplomatas austro-húngaros, criticando a guerra de extermínio contra a população indígena do estado (Prutsch, 2014: 23). A polêmica, que teve sequência – o ministro das Relações Exteriores, acionado pelo embaixador austro-húngaro em Petrópolis, repreendeu o político paranaense – mostra o protagonismo do novo consulado.

As várias descrições de bom relacionamento entre os poloneses e o Consulado Austro-Húngaro de Curitiba não refletem a tônica geral destas representações no Brasil. Quando em sua viagem à América, em 1895, Klobukowski dirigiu-se ao Consulado austríaco no Rio de Janeiro, onde também havia uma embaixada, pois precisava de auxílio com papéis burocráticos. Ao conversar com o cônsul, este expressou a imagem de que os poloneses “não passam de ‘simples gado’, que não têm consciência se estão viajando para o Brasil, para a África, Austrália ou América do Norte”. Em suas memórias, Klobukowski também registra a inoperância dos ministérios austríacos ante queixas da Sociedade Geográfica para atender um padre envolvido na Revolução Federalista de 1893 (Klobukowski, 1971: 32, 95).

O estado austríaco, entretanto, demonstrou alguma preocupação com os imigrantes que os considerava “seus”, como é afirmado em carta enviada pelo Departamento do Estado Austríaco para Saporski em 1895. Na carta, o objetivo explicitado é conhecer a situação da população emigrada e defendê-la da exploração, assim, é demandado à embaixada no Rio de Janeiro in-

formações sobre os emigrantes “austríacos” no Brasil. Em consequência, Saporiski, visto como um notável da comunidade polonesa no Brasil, foi designado a oferecer as informações sobre os imigrantes: onde se estabeleciam, em que condições viviam, se recebiam terras ou eram empregados, etc. Ademais, havia interesse em possíveis relações comerciais entre os imigrantes e a indústria austríaca (Wachowicz, 1972: 105).

Os cônsules da Áustria que atuaram no Paraná eram poloneses, como o primeiro cônsul em Curitiba, Pohl, um polonês da Silésia, ou dominavam o idioma polonês, como o cônsul Bertoni que viajou com os primeiros missionários vicentinos em 1903, e, de resto, a maior parte dos cônsules austro-húngaros era polonesa (Bienarski, 2003; Wachowicz, Malczewski, 2000: 368). Cônsul Ozecki, de acordo com Gluchowski, teve a iniciativa da vinda de professores da Galícia através do Departamento de Educação em 1907 (Gluchowski, 2005: 174). Um dos que veio foi Marian Gardolinski, que chegou ao Brasil como funcionário do Consulado Austríaco no Rio de Janeiro e, em 1912, foi enviado ao Paraná para acompanhar levas de agricultores (Gluchowski, 2005: 19).

Um imigrante, que chegou ao Brasil com seu pai e seu tio em 1907, descreve em suas memórias as relações entre os imigrantes poloneses e os funcionários do Consulado Austro-Húngaro do Paraná, as quais, não apenas neste caso, deram ensejo à imagem do “cônsul polonês”:

Os serviços consulares eram atendidos por um representante da Áustria, Miguel Okencki, um verdadeiro polonês. Atendia, indistintamente, a todos poloneses, provenientes das regiões ocupadas pelas três potências. Era conhecido universalmente como o cônsul polonês, embora estivéssemos bem longe da 1ª Guerra mundial e a Polônia não existisse como nação independente. O governo brasileiro igualmente lhe dispensava um tratamento como se fosse cônsul polonês. Enviava-lhe os poloneses e prestava-lhe auxílio em assuntos atinentes à colônia polonesa (Hessel, 1970: 94).

Francisco Szuber, o funcionário do serviço diplomático austríaco mais destacado pela historiografia, para vir a Curitiba em 1911, teve seu nome aprovado pelo Parlamento Galiciano, Vienense e pelo *Koľko Polskie* (Círculo Parlamentar Polonês), o que indica que os políticos da Galícia interferiam na ação deste consulado, oficialmente austro-húngaro, mas na prática, polonês (Wachowicz, Malczewski, 2000: 368).

Contudo, nem todos os funcionários do Consulado Austro-Húngaro foram favoráveis à causa dos líderes poloneses no Brasil, como o caso de “um certo Enziger” que influenciava as reportagens da *Gazeta Polska* no final do século XIX, fazendo triunfar os “interesses alemães” e opondo-se à colonização do Paraná (Gluchowski, 2005: 223).

Um produto nativo do Brasil, de cultivo indígena, pôs em tela a condição dominada dos poloneses ante o governo austro-húngaro, uma vez que afetava as chances de desenvolvimento econômico dos imigrantes e suas relações comerciais com os poloneses da Europa. Tanto a Sociedade Geográfica e Comercial quanto a *Gazeta Comercial Geográfica de Lwów* indicaram representantes para uma reunião dos poloneses em Curitiba em 1898, os quais deveriam encaminhar a proposta de “provocar um pedido ao governo brasileiro a fim de que intervenha junto ao governo austro-húngaro, com o fim de que sejam eliminados os impostos de importação sobre a erva-mate” e enfatizavam que “o governo brasileiro deveria ameaçar represálias alfandegárias semelhantes sobre os produtos austríacos”. A ideia, exposta em correspondência datada de 1912, era que a erva-mate, produto cultivado principalmente por poloneses no Paraná, fosse consumido na Galícia (Wachowicz, 1972: 106, 110). Em uma fase anterior, na década 1880, quando o “chá polonês” fora distribuído na área russa, a propaganda destacara justamente a produção do mate por imigrantes poloneses no Paraná. A promissora exportação viu-se solapada pelo importador de chá preto da Índia (Orlow), que conseguiu que o governo tributasse fortemente a erva-mate (Wachowicz, 2000: 131). Assim é compreensível que, uma década e meia depois, os entusiasmados líderes galicianos tentassem interferir nas relações diplomáticas entre o Brasil e a potência austríaca que dominava uma parte da Polônia, visando garantir o comércio internacional do mate.

Durante a Primeira Guerra Mundial, ao fim da qual a Polônia recuperou a independência, a ligação de lideranças de imigrantes poloneses com o consulado teve efeito divergente, refletindo os conflitos europeus. Na Europa, os poloneses estavam divididos entre a ala em favor das legiões polonesas comandadas por Pilsudski, e os apoiadores dos aliados, os quais visavam obter a independência da Polónia via diplomática e militar (Wachowicz, Malczewski, 2000: 56, 175). Os imigrantes poloneses aqui no Brasil também

dividiram-se entre partidários das legiões de Pilsudski e os vinculados ao cônsul August Haller, irmão do general Józef Haller, comandante das forças aliadas. Um dos focos dos atritos era o fato da Rússia, grande algoz do povo polonês, compor o grupo dos aliados, daí as críticas (“vassalos do tzar”) (Wachowicz, Malczewski, 2000: 200, 368, 407). Jornais do Paraná e do Rio Grande do Sul tomam posição ante os acontecimentos na Europa; em Curitiba particularmente, as polêmicas foram acirradas (Gluchowski, 2005: 228).

Em 1919, Kazimierz Gluchowski assume como Primeiro Cônsul Geral da Polônia. Na ausência de uma embaixada polonesa no Rio de Janeiro, é em Curitiba que é instalado o Consulado Geral com jurisdição para todo o Brasil. A documentação referente aos poloneses é entregue a Gluchowski pelas autoridades austríacas. A relação dos emigrados poloneses com os funcionários do consulado austríaco tem uma sobrevida, pois alguns deles auxiliam consulados e a nova embaixada polonesa no Brasil e outros se tornaram altos funcionários no serviço diplomático polonês da Segunda República (Wachowicz, Malczewski, 2000: 124, 368).

Cônsules austríacos, principalmente poloneses que serviram em Curitiba, foram considerados pelo próprio Gluchowski como “intelectuais poloneses” entre os imigrantes, entre eles Bertoni, Okecki e Haller, acima citados, os quais “deixaram gratas recordações na colônia, visto que, embora servindo a um país estrangeiro, trabalhavam pela colônia polonesa” (Gluchowski, 2005: 247).

#### COMENTÁRIOS FINAIS

Por intermédio dos imigrantes poloneses, a maior parte deles composta por camponeses pobres, o Brasil participa de determinados aspectos da geopolítica mundial das primeiras décadas século XX. Intelectuais mobilizados por ideias que fervilhavam em cidades urbanizadas da Galícia austríaca, como Lwów, atravessaram o Atlântico e buscaram, entre a população emigrada, o suporte aos seus ideais nacionais. Os poloneses no Brasil, distanciados das origens regionais na Europa, formariam um conjunto que refletiria um ideal de Polônia una. Porém, havia mais ideias em circulação entre um

continente e outro: empresas de colonização buscando operar no ramo de instalar imigrantes em busca de terras; empresas interessadas em exportar, para a Polônia, produtos cultivados por colonos poloneses, aqui donos de porções de terras mais amplas. Estas manifestações mostram uma classe média imigrante que buscava atuar economicamente, e em sintonia com interesses de poloneses os quais vislumbravam intercâmbios econômicos entre uma Polônia independente e as regiões brasileiras onde os emigrados estavam produzindo riquezas.

Por outro lado, era necessário dar suporte a estes emigrados, conforme os relatos de imigrantes, viajantes ou missionários que apontavam suas condições nem sempre favoráveis. Assim, o “grupo de Lwów” empenha-se na criação de um Consulado Austro-Húngaro no estado do Brasil onde estava se concentrando a imigração, no Paraná. Não se pode dissociar esta conquista dos intelectuais poloneses do fato da multinacional monarquia Habsburgo precisar “do apoio polonês para criar um equilíbrio político entre suas nacionalidades em conflito” (Hobsbawm, 1989: 407). E alguns interesses comerciais, que poderiam também servir ao Estado Austríaco, como vimos acima, operavam razoavelmente nesta situação de compromisso. Na prática, esta agência consular adquiriu um caráter francamente polonês, tanto porque seus funcionários eram etnicamente poloneses, quanto pelo fato de ali serem atendidos os imigrantes poloneses das “três ocupações”, isto é, imigrantes formalmente oriundos da Rússia e da Alemanha. Este papel do Consulado de Curitiba foi reconhecido posteriormente, quando ocorre a instalação da representação política da Segunda República Polonesa, a qual absorveu a experiência diplomática dos funcionários consulares.

Os ativistas de Lwów influenciaram a produção jornalística no Brasil, como patrocinadores, como autores, como incentivadores de determinadas correntes de liderança entre os emigrados; promoveram também a escolarização dos imigrantes. No que tange à educação, havia outros agentes, vinculados a outra importante cidade da Galícia, Cracóvia, pois uma instituição religiosa, com sede central nesta cidade, lançou raízes no sul do Brasil, através de seus missionários, a Congregação da Missão de São Vicente de Paula (Weber, 2015). Em função de seu predomínio no âmbito escolar, principalmente em Curitiba, os vicentinos sofreram a oposição das lideranças

laicas, quase sempre vinculadas aos ambientes liberais e nacionalistas da Polônia; entretanto, os religiosos, a seu modo, e, particularmente por promoverem a língua polonesa, também foram promotores da identidade polonesa.

A fermentação cultural polonesa, vinculada à imigração para a América, na cidade de Lwów, fez desta um referencial importante para vários intelectuais com ideias nacionalistas. Associações fundadas no Brasil, publicações que circularam em várias cidades e localidades onde havia imigrantes poloneses, redes de relações que operavam como divulgadora de ideias, reverteram estas agitações culturais e políticas.

A imigração de massas do final do século XIX para a América teve múltiplas facetas, estudadas em uma vasta bibliografia. Analisando uma imigração menos conhecida, a polonesa, este artigo apontou as relações entre nacionalismo, imperialismo, imigração, e, mais especificamente, como determinadas circunstâncias culturais e políticas fomentaram a identidade étnica na América.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, P. (1995), *Linhagens do Estado Absolutista*, São Paulo: Brasiliense.
- Biernaski CM, L. (2003), *Quem foram, O que fizeram, Esses Missionários...*, Curitiba: Gráfica Vicentina.
- Boyer, J.W. (1995), *Culture and Political Crisis in Vienna: Christian Socialism in Power, 1897-1918*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Cuber, P.A. (1975 [1898]), *Nas margens do Uruguai*, Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana.
- Dvorak, A. (2013), *A Hidden Immigration: The Geography of Polish-Brazilian Cultural Identity*, Tese de Doutorado, Universidade da Califórnia.
- Fenton, S. (2003), *Etnicidade*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Filipak, P., Krawczyk, J. (1978), *Fatos da Sociedade União Juventus*, Curitiba: Gráfica Vicentina.
- Gardolinski, E. (1956-58), "Imigração e colonização polonesa", em: K. Becker (org.), *Enciclopédia Rio-grandense*, vol. 5. Canoas: Regional.

- Gjerde, J. (2006), “Identidades múltiples y complementarias. Inmigrantes, liderazgos étnicos y el Estado em Estados Unidos”, em: A. Bernasconi, C. Frid, *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*, Buenos Aires: Biblos, pp. 63-79.
- Gluchowski, K. (2005 [1927]), *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*, Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores.
- Grzesczak, A.J. (2010), *Os espaços de sociabilidade da comunidade polônica do quarto distrito de Porto Alegre nas décadas de 1960 e 1970*, Trabalho de Conclusão de Curso em História do Rio Grande do Sul, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Hessel, M. (1970), “Na senda dos pioneiros em: Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*, vol. I, Curitiba: Imprimax Ltda., pp. 95-113.
- Hobsbawm, E.J. (1989), *A Era dos Impérios – 1875-1914*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Klobukowski, E. (1971 [1898]), “Recordações de Viagem”, em: Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*, vol. IV. Curitiba, p. 14-107.
- Koziński, G. (2007), “O servo de Deus cardeal Augusto Hlond”, *Projeções*, vol. IX/2, n. 16, pp. 109-143.
- Lukowski, J., Zawadzki, H. (2002), *A Concise History of Poland*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Mil anos dos judeus na Polônia* (2008), Warszawa: Instituto Adam Mickiewicz, Curitiba: Consulado Geral da Polônia.
- Oliveira, M. (2008), “Sociedades Esportivas e Imigração: O caso dos Poloneses em Curitiba, 1890-1940”, *Anais do 1º Encontro da ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”*, Curitiba.
- Piton CM, J. (1971), “Periódicos de língua polonesa no Brasil”, em: Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*, vol. III, pp. 80-103.
- Polak, W. (1966), *Milênio da Polônia Cristã. 966-1966*, Curitiba, s.n.t.
- Prutsch, U. (2014), “Migrantes na periferia: indígenas, europeus e japoneses no Paraná durante as primeiras décadas do século XX.” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 1, pp. 218-236.
- Sarna, J.D. (1978), “From Immigrants to Ethnic: Toward a New Theory of ‘Ethnicization’”, *Ethnicity Academic Press*, vol. 5, pp. 370-378.

- Siemiradzki, J. (1972), “Les chemins de fer du Sud du Brésil”, *Estudios Latinoamericanos*, vol. 1, pp. 376-384.
- Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná (1973), *Apresentação. Anais da comunidade brasileiro-polonesa*, v. VII, Curitiba: Gráfica Vitória, pp. 9-10.
- Wachowicz, R.C. (1970), “A «Febre Brasileira» na imigração polonesa”, em: Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*, vol. I, Curitiba: Imprimax Ltda., pp. 29- 58.
- Wachowicz, R.C. (2009), “Aspectos políticos da imigração polonesa no Brasil (1869-1964)”, *Projeções*, vol. 11, n. 1, pp. 48-54.
- Wachowicz, R.C. (1972), “Correspondência de Sebastião Edmundo Vos Saporski no Arquivo dos Padres da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo”, em: Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*, vol. VI, Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., pp. 101-112.
- Wachowicz, R.C. (1981), *O Camponês Polonês no Brasil*, Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins.
- Wachowicz, R.C. (2000), “Saporski: Um pioneiro polono-paranaense”, *Projeções*, vol. 2, n. 2, pp. 107-147.
- Wachowicz, R.C.; Malczewski SChr, Z. (2000), *Perfis polônicos no Brasil*, Curitiba: Vicentina.
- Walaszek, A. (2003), “Wychodzcy, Emigrants or Poles? Fears and Hopes about Emigration in Poland 1870-1939”, *AEMI Journal*, n. 1, pp. 78-93.
- Weber, R. (2015), “Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses”, *Revista Tempos Histórico*, vol. 19, n. 1, pp. 253-273.

